

FALAR COM A ESCRITA: O *CHAT* EM PORTUGUÊS

Maria Augusta Cavaco Miguel

Universidade dos Açores

O presente trabalho visa analisar a linguagem usada no chat e nos SMS em comparação com a fala e com a escrita correntes, bem como fazer uma apreciação linguística da mesma. Pretende ainda avaliar o impacto deste novo tipo de escrita na língua portuguesa e, por último, compreender o interesse social do uso destes códigos na comunicação.

Este artigo surge na sequência de trabalhos realizados no âmbito dos Estágios Científicos, na área da língua portuguesa, na Universidade dos Açores, onde o problema começou a ser analisado entre nós.

O interesse despertado pelo tema motivou a realização de uma série de trabalhos científicos. Por um lado, por ser esta uma área nova e constituir um novo desafio no campo da linguística; por outro, pelo facto de se tratar de uma linguagem cujo uso tem um amplo espectro, sobretudo nas camadas mais jovens – os grandes utilizadores da Internet.

Decidi levar a cabo o estudo desta matéria, por considerar que a sua análise pode contribuir para uma melhor compreensão da dinâmica da língua nos actuais meios de comunicação. Foco particularmente os códigos que são hoje vulgarmente utilizados no mundo da informação digital, especialmente pelos jovens que tão habilmente os aplicam quando escrevem e lêem mensagens no ecrã do computador; i.e., quando «falam» com os amigos no chat.

Particularmente, procura-se abordar, neste espaço, os modelos que a comunicação linguística vulgarmente apresenta no chat e nos SMS e interpretar as implicações destas linguagens na língua portuguesa.

O *CHAT*: FALAR COM A ESCRITA

A Internet é uma das invenções mais notáveis que o Homem já concebeu até aos dias de hoje. Desenvolvida nos E.U.A. nos anos 60, inicialmente com objectivos militares, foi

posteriormente utilizada para fins académicos e, a muito curto prazo, tornou-se numa ferramenta de uso pessoal indispensável.

Não há dúvida de que a Internet é uma conquista tecnológica fabulosa. Em termos de invenção, ombreia facilmente com a imprensa, com o telégrafo ou até mesmo com a televisão. Qualquer que seja o pedestal em que a coloquemos, esta é indiscutivelmente a tecnologia que mais mudou o mundo das comunicações e é certamente a mais poderosa de todas elas. A World Wide Web, o tão conhecido *www.*, serve, na actualidade, milhões e milhões de utilizadores em todo o mundo, ligando os grandes centros urbanos aos lugares mais recônditos deste planeta, derrubando barreiras geográficas e linguísticas e aproximando pessoas em qualquer lugar onde se encontrem.

Há quem considere que a *web* é mais propriamente uma invenção social do que uma invenção tecnológica. A verdade é que o seu impacto na sociedade é algo que ainda estamos longe de compreender. Sabemos, no entanto, que o mundo de hoje seria inconcebível sem os SMS (Short Message Service), os *e-mails*, e, a breve trecho, talvez já não passemos sem os *e-commerces*, os *e-learning*s, os *e-books*, os *e-etc.*, tal como já não dispensamos, de modo nenhum, o telefone celular que temos nos nossos bolsos.

Mas é talvez no chat onde mais se evidencia este novo modelo de comunicação, pela sua originalidade. Esta maravilha tecnológica tem sido uma das grandes atracções dos últimos tempos, na medida em que tem possibilitado a formação de grandes comunidades virtuais. O sonho de estabelecer o contacto pessoa-a-pessoa em tempo real, a partir de qualquer ponto do mundo, tornou-se realidade para todos os grupos de todas as idades e de todas as classes sociais, que interagem electronicamente com grande facilidade e economia de meios. No ciberespaço – ou mundo da informação digital – navega qualquer cidadão, a qualquer hora, em qualquer parte do mundo.

Mas à medida que a Internet começa a ser encarada do ponto de vista social o papel da linguagem neste meio de comunicação começa ele também a ser encarado do ponto de vista científico (cf. Crystal, 2001). A preocupação dos linguistas com os efeitos perversos que a linguagem da Internet e dos SMS possa eventualmente ter sobre as línguas humanas tem uma razão de ser. É que a Internet rege-se por regras próprias, às quais os utilizadores têm que obedecer para se fazerem compreender e para serem aceites pelos seus companheiros cibernautas. Daí que, actualmente, os linguistas colocam algumas perguntas como estas:

- 1.º Qual é o papel da língua na Internet;
- 2.º Que efeito pode a Internet ter numa dada língua ou nas línguas humanas em geral e, por último;
- 3.º Qual será o futuro da linguagem com o crescimento da Internet.

A questão é saber até que ponto a forma pouco cuidada dos *e-mails*, dos SMS e da linguagem do chat; a falta de correcção e de estética exigidas noutros usos da linguagem mas ausentes neste modelo não auguram o fim da literacia e o fim da escrita normalizada, como

hoje a conhecemos. No fundo, há uma expectativa generalizada relativamente ao efeito da Internet nas línguas, tal como há uma preocupação crescente com a possível intromissão na privacidade de cada um e com a divulgação descontrolada de dados por este meio.

A linguagem da Internet é muito *sui generis*, visto incorporar características da linguagem oral e da linguagem escrita. Abrange os dois níveis de língua e não pertence a nenhum deles. É um hibridismo entre um e outro. Os jovens dizem correntemente que vão à *net* falar com os amigos. Na verdade, o que eles fazem é mandar mensagens escritas e receber mais mensagens escritas. E a isto chamam falar. O que importa referir é que estas mensagens escritas são diferentes das mensagens escritas convencionais, visto que o que se pretende com elas é efectivamente falar e não escrever.

Na fala propriamente dita há uma variação linguística condicionada pela situação de comunicação que é definida pelo contexto, pelos interlocutores (sexo, idade, classe social) e pela intenção comunicativa, entre outros factores que induzem variação. A situação comunicativa obriga o falante a adequar (ou melhor dizendo, a ajustar) o seu discurso à situação em que se encontra. Como resultado, a fala varia constantemente, visto que o falante adopta um determinado tipo de discurso que vai do formal ao familiar, dependendo da situação comunicativa (cf. Gamardi, 1983; Chambers & Trudgill, 1998, entre outros). Em limite, cabe ao falante decidir, segundo o seu conhecimento da língua e das regras sociais para a sua boa utilização, o que é aceitável e o que não é aceitável e que escolhas deve fazer em cada situação.

No acto de fala, o facto de os intervenientes estarem na presença um do outro e de se encontrarem no mesmo contexto situacional facilita a comunicação visto que é possível obviar um número significativo de palavras para descrever detalhes que estão a ser emitidos de forma não verbal, como sejam os movimentos do corpo, a expressão facial, as emoções, o tom de voz, bem como todo o espaço envolvente (o cenário, por assim dizer). Todos estes elementos, complementares à própria língua, intervêm decisivamente na interpretação de uma mensagem.

A fala caracteriza-se pela economia de palavras e por ser menos cuidada do que a escrita. A mensagem oral geralmente apresenta erros, muitos deles de sintaxe, visto que produzimos frases inacabadas, temos falsos começos, hesitações, etc. Coisas que não ocorrem na escrita. Porém, o facto de a fala ser instantânea e de se apagar logo após a sua produção desmerece grandes cuidados da nossa parte¹.

A escrita difere da fala em vários aspectos. Primeiramente, porque é muito mais aperfeiçoada. Quando escrevemos temos mais tempo, o que nos permite voltar atrás, corrigir, elaborar. Também o facto de os interlocutores não estarem na presença um do outro

(1) Compare-se a fala coloquial entre dois amigos com uma mensagem gravada, por exemplo uma entrevista que se destina a ser difundida numa determinada hora nos meios de comunicação social. Nesta última situação, os nossos cuidados redobram não só porque desconhecemos os destinatários da nossa mensagem mas também porque, ao ficar gravada, esta poderá ser ouvida mais do que uma vez.

obriga à introdução de um elevado número de detalhes que se destinam à sua contextualização. Para além disso, há todo o trabalho estilístico que ela pode conter.

Estes factores tornam a mensagem escrita muito mais extensa e muito mais elaborada do que a mesma mensagem oral. Para além disso, existem modelos convencionados para os vários tipos de escrita. Uma carta, por exemplo, tem que obedecer a um determinado modelo, consoante a formalidade da mesma; um ofício já requer um outro formato e por aí adiante.

Por último, a escrita é para ser lida com uma distância de tempo entre o momento em que é produzida e o momento em que é lida. Na mensagem escrita, o tempo de resposta é muito superior ao tempo de resposta da mensagem oral. E, como veremos mais adiante, o factor tempo é crucial em matéria de comunicação.

AS MENSAGENS NO CHAT

As mensagens no chat não correspondem a nenhum dos critérios anteriormente explicitados para a fala e para a escrita. Quando a comunicação é directa, como acontece na fala, e nos é possível observar o nosso interlocutor, podemos retirar da sua presença e do seu comportamento, conjuntamente com o enunciado, a interpretação da mensagem visto que esta, como já referi, não é veiculada apenas pelo conteúdo lexical das palavras escolhidas mas é complementada por um conjunto de elementos externos à mesma que se lhe associam no acto de decodificação e de interpretação.

Na ausência dos elementos presenciais, no chat convencionou-se escrever como se fala, quer dizer, a escrita das palavras é a transposição directa da oralidade. Para obter este efeito, escreve-se tal como se pronuncia. Para além disso, codificaram-se uma série de símbolos (tabelas, como as que apresento a seguir) e uma série de ícones que representam diversas expressões faciais que recriam, em certa medida, a situação de fala, ao introduzirem elementos de natureza afectiva como sejam alegria, tristeza, aborrecimento, etc. Atendendo a estas características, em que a escrita incorpora elementos da comunicação oral em presença, podemos depreender que no chat a **escrita** tenha o valor de **fala**; o mesmo é dizer que se fala com a escrita. Vejam-se, como exemplo, alguns excertos de convenções apresentados nas tabelas de Benedito (2002):

Tabela 1

>_<	furioso
: -@	gritar
: I	indiferente
^ _ ^;;	embaraçado
: [pessimista
*****	beijos
[[[]]]	abraços

Tabela 2

Obg/thanks, thx – obrigada; Bjs/bjokas – beijos
Pic? – tens foto?; Xaus, cya, bye – adeus; Kido(a) – querido
Oi, oix, ois, hi – olá; Hahaha/hehehe – riso; Hummm – exclamação de dúvida
Pq?, pk? – porquê?; Tb – também; Yah, yep – sim
Fx – fixe; Nd – nada; Tuga – português; Qd, kd? – quando?
Pera – espera; Mm – mesmo(a)
Mt – muito(a); N, nope – não
Cntg – contigo; Cmg – comigo
Dd teclas? – de onde és?; Zzzz – exclamação de sono
m/f? – és rapaz ou rapariga?; Lol – riso (laughing out loud)
Rotfl – riso descontrolado (roling on the floor laughing)
Brb – be right back; Wb – welcome back

Podemos observar que estes códigos representam, de forma muito abreviada, a oralidade das palavras; que exploram as capacidades tecnológicas do teclado e que incorporam abreviaturas de palavras do inglês, o que lhes dá uma maior amplitude e um maior espectro no âmbito da comunicação.

QUE ESCRITA NO *CHAT*?

Antes de mais, é preciso entender que o factor tempo é decisivo na forma que é dada às mensagens. Aliás, a boa gestão do tempo é sempre crucial em qualquer acto de fala. Quando falamos, não fazemos esperar o nosso interlocutor entre uma palavra e outra; não paramos para escolher calmamente as palavras que vamos utilizar ou a forma mais correcta de as organizar. Na fala, tudo se processa de forma imediata. Caso contrário, o nosso interlocutor desinteressa-se e deixa de nos ouvir.

Ora, procurando ser o chat uma réplica da fala, isto é, um tipo de conversação em tempo real (*on-line*), a escrita que aqui se desenha é breve, sem descrições contextuais ou de pormenor. As mensagens do chat, à semelhança das mensagens SMS, são tão telegráficas quanto possível. É que o tempo conta e o espaço também. Conta porque a mensagem é para ser paga letra a letra. E conta também porque o espaço do ecrã do telemóvel, por exemplo, é minúsculo.

Com estas duas razões de peso, a escrita do chat poupa nos segmentos que representam as palavras, visto que se escrevem apenas alguns sons para as representar, poupa nos clíticos que são de fácil reposição e poupa em tudo o que a língua tem de redundante já que se presume² que mesmo sem esses acessórios é possível reconhecer as palavras e decodificar as mensagens.

(2) Hoje em dia, existem muitos trabalhos no campo da percepção que provam exactamente isso. Cf. Clark & Clark (1975), por exemplo, sobre essa matéria.

Conicionados pelo tempo útil de utilização da máquina e condicionados pela atenção que possam captar do outro lado da linha, os utilizadores escrevem as palavras com um mínimo de letras, ou seja, faz-se economia de tempo e de espaço. Estas, entre outras, são regras da Internet. O cibernauta deve conhecê-las para alinhar com a mecânica desta comunicação e para ser aceite pelos outros. Observe-se, por exemplo, a codificação na conversa seguinte:

<nightmare> oix
<sand> :)
<sand> oi
<nightmare> td?
<sand> yep
<sand> dd teclas?
<nightmare> lx
<nightmare> e tu?
<sand> Açores
<sand> ainda é Portugal : D
<nightmare> lololol
<nightmare> fx

Em termos analíticos verificamos que:

1. Escolhem-se abreviaturas;
2. Utilizam-se os recursos do teclado de forma codificada;
3. Não há acentuação;
4. Suprimem-se os morfemas de ligação.

Ou seja, há um atentado às regras da escrita convencional, ao qual se soma o factor difusão em larga escala. Contudo, na Internet está assim convencionado. E, afinal, o que é uma língua senão uma convenção?

AS VOGAIS SÃO AS MAIS SACRIFICADAS

Nesta escrita cabalista, as vogais são geralmente as mais sacrificadas. Primeiro, porque se pressupõe que a sua reposição é fácil. Segundo, porque a imagem da palavra é-nos dada essencialmente pelas consoantes.

Assim, tal como acontece na língua falada em que também apagamos um número muito significativo de vogais quando pronunciamos as palavras, neste tipo de escrita as vogais podem-se, por assim dizer, subentender. **É um jogo que assenta na redundância da língua.**

É também no princípio da redundância que assentam, por exemplo, muitos jogos que vemos na TV, em que os concorrentes têm que adivinhar as palavras, as palavras cruzadas, etc. Se observarmos este tipo de jogos, rapidamente nos apercebemos que o valor informativo das consoantes é muito superior ao das vogais, que são facilmente dedutíveis a partir das consoantes.

Relativamente a esta mecânica, Marina Yaguello (1997) dá como exemplo o jogo do *zigomar* em que, se a palavra for, digamos, RAPAZ, e se o concorrente tiver descoberto as vogais, tem muitas perguntas para fazer até descobrir a palavra. Já se conseguir descobrir as consoantes P e Z, torna-se muito fácil desvendar a palavra em questão. Como diz Yaguello (1997), «o jogador de *zigomar* apoia-se no conhecimento das combinações possíveis de letras em português». Ou seja, no conhecimento fonológico da língua.

É, necessariamente, com base no princípio da redundância e no conhecimento das combinações possíveis de sons que assentam tanto a redacção como alguns códigos, na linguagem da net. Mas a redução no uso de letras do alfabeto não se direcciona apenas para as vogais, visto que as consoantes também são atingidas. No caso em que existe mais do que um grafema para representar um único som como, por exemplo, o *c* e o *q* ou as sibilantes *s* e *ch*, nesta nova escrita a sua representação corresponde respectivamente a K e a X. E embora nos pareça que esta ruptura com as convenções seja, de facto, um abuso, temos que reconhecer que este tipo de representação gráfica facilita e dá uma nova dimensão ao plano escrito.

Há uma reinterpretação da escrita que se fundamenta na capacidade linguística dos utilizadores e na confiança na capacidade de percepção que há em cada um de nós, que nos permite distinguir o essencial do acessório.

LIBERDADE OU LIBERTINAGEM?

Esta liberdade na utilização dos símbolos gráficos começou pelas próprias máquinas que, no princípio, eram incapazes de representar certos diacríticos como o *til*, o *ç* *cedilhado*, os *acentos*, etc., visto que elas foram concebidas, numa primeira fase, para representar a língua inglesa. Como esta língua não tem nem acentos nem cedilhas nem til, os teclados inicialmente não estavam adaptados e, por isso, não os representavam. Tempos depois, havia incompatibilidades nos sistemas, de tal forma que cada vez que escrevíamos estes grafemas aparecia, no ponto de recepção, um símbolo indecifrável. Por esse motivo, já que mais não fosse, deixaram de ser usados. Este foi o começo. Depois, apareceu a desculpa – «é da máquina». Hoje, escrever assim já não tem a ver com a máquina, porque já se fizeram as adaptações necessárias. É talvez uma forma de demonstrar e de propagar toda a irreverência juvenil para com as convenções sociais. O chat é, em muitos aspectos, um espaço de libertinagem e a utilização da língua nestes moldes aparenta ser uma forma de o demonstrar.

Cada qual leva a escrita até às últimas consequências. O limite é que seja compreendido do outro lado da linha. A língua portuguesa anda à solta na linguagem dos cibernautas. Pode-se dizer tudo, de todas as maneiras, falar de todos os assuntos, inclusive falar mal. Está tudo permitido. A irreverência é total, como se pode observar nestas saudações, por exemplo:

Holaaaaaaa
Oixxxxxxxx, ppl
Olá,geralllll
Olá, rapazes e kaxopas, etc.

Há no chat um máximo de liberdade e de criatividade. É o fim da ditadura da escrita. Abaixo as normas, abaixo todas as convenções. É tempo de improvisar. É a nova era. A era das comunicações, dizem-nos. Presumo que nunca ninguém imaginou que a língua portuguesa pudesse passar por tais atropelos. A pergunta que se coloca é a seguinte – que preço irá pagar a língua portuguesa por toda esta liberdade?

Há muita gente preocupada, como já referi, e o caso é sério. É que não são apenas os jovens que no chat escrevem sem convenções; é também o utilizador comum. Pouco a pouco, esta nova escrita começou a infiltrar-se nas nossas vidas quotidianas. Mesmo aqueles que não fazem dos ciberespaços um lugar de café acabam por aderir à nova escrita, nem que seja nas simples mensagens telefónicas. Quem já não escreveu ou recebeu **bjs**, **tb**, **tdo** ou **4u** no seu telemóvel? Quem já não viu no seu televisor, em nota de rodapé, uma escrita deste tipo? Não temos escapatória possível. Vivemos na Aldeia Global; de uma maneira ou outra, estamos todos envolvidos.

ESCRITA PICTOGRÁFICA E ESCRITA IDEOGRÁFICA

Convém acrescentar que esta escrita de tipo fonético é complementada por pictogramas e por ideogramas. É possível e aceitável a incorporação de imagens que transmitam ideias. São, normalmente, desenhos codificados que correspondem a uma semântica que lhes está associada. Os sentimentos, sempre mais difíceis de descrever por palavras, como sejam a alegria ou a tristeza, tomam aqui a forma de pictogramas que são, normalmente, carinhas conhecidas por **faces/emotions**, que vão acompanhando o texto e que vão mudando para indicar o estado de espírito do falante e a sua reacção àquilo que se está a dizer. Vejam-se alguns exemplos no quadro que se segue:

Tabela 3
(faces/emotions)

	Sorriso	:-) ou :)		De boca aberta	:-D ou :d
	Surpreendido	:-O ou :O		Com língua de fora	:-P ou :p
	A piscar o olho	;-) ou ;)		Triste	;- (ou ; (
	Confuso	:-S ou :s		Desiludido	:-I ou :I
	A chorar	: '(	Envergonhado	:-\$ ou :\$
	Com calor	(H) ou (h)		Zangado	:-@ ou :@
	Anjo	(A) ou (a)		Diabo	(6)
	Boca fechada	:-#		Com ar ameaçador	8ol
	Imbecil	8-l		Sarcástico	^o)
	Contador de segredos	:-*		Doente	+o(
	Não sei	:^)		Pensativo	*-)
	Festeiro	<:o)		A revirar os olhos	8-)
	Sonolento	l-)		Chávena de café	(C) ou (c)

Tal como na escrita chinesa ou noutras escritas com uma base ideográfica, em que os ideogramas são «signos que se referem directamente a uma noção sem atravessarem a mediação de uma língua verbal», como Eco (1996: 202) afirma, permitindo a sua descodificação por falantes de dialectos muito diferentes e até mesmo de línguas diferentes; tal como no sistema numérico, em que os caracteres 1, 2, 3, 4, 5 correspondem a sons diferentes em línguas diferentes, mas cuja descodificação e compreensão são praticamente inequívocas, a incorporação de ideogramas facilita, sobremaneira, a descodificação mesmo por indivíduos de línguas diferentes e de culturas diferentes (cf. Eco 1996).

Com uma codificação própria para representar as palavras e com a incorporação de imagens podemos depreender que a escrita da net é perfeita para atingir o objectivo que se propõe – o da globalização.

UM NOVO ESPERANTO?

A procura de uma língua universal tem sido uma tarefa que tem ocupado os filósofos, de Coménio – que «âpela para uma reforma linguística que elimine os adornos retóricos,

fonte de ambiguidade, e fixe com clareza o sentido das palavras usando um nome só para cada coisa [...]» (Eco, 1996: 204) e se construa uma língua filosófica, a Panglóssia, ou seja, uma língua universal –, a Descartes – que considera que «a construção de uma gramática isenta de irregularidades das línguas naturais, corrompidas pelo uso» (Eco, 1996: 206) resolve o problema da construção de um sistema de escrita universal –, a Webster – que em 1654 já lamenta a falta de empenho dos académicos na construção de uma língua universal –, a Leibniz (1678) – que «previa uma simplificação e uma regularização drásticas da gramática, com uma só declinação e uma só conjugação, a abolição dos géneros e do número [...]» (Eco, 1996: 253), entre outras propostas, tem-se vindo a registar, século após século, gente empenhada na criação de uma língua filosófica, limpa de imperfeições e preferencialmente inequívoca, em que cada palavra corresponda a um conceito e que tenha um carácter universal.

Mas seria em 1887 que o Esperanto viria a ser proposto como língua internacional com a publicação, em russo, do livro *Língua Internacional*. E embora o seu autor se chamasse Ludwik Zamenhof, o facto de ter usado o pseudónimo de Doktoro Esperanto (Doutor que espera) daria o nome à língua da sua criação – Esperanto – para esta língua artificial, que tinha como objectivo primeiro unir os judeus da diáspora.

O Esperanto, que apresenta qualidades linguísticas melhoradas relativamente às outras línguas humanas, sobretudo no que concerne à sua simplicidade morfológica, foi difundido em vários países, sobretudo na Europa, e ganhou muitos simpatizantes de peso, desde filósofos a linguistas da época mas, ao que se sabe hoje, tal língua, com o objectivo universal para que fora concebida, não terá passado de um sonho pois, na prática, não se sabe que ela tenha sido aceite pelos povos em geral nem que tenha atingido o propósito ambicionado.

Ao contrário do Esperanto, a linguagem do chat não teve um berço de ouro, nem foi concebida para servir ideais de nobreza. Não teve uma gramática na sua base para além da gramática de cada indivíduo. É uma linguagem que vai sendo criada segundo a imaginação dos seus utilizadores e segundo os propósitos, a que se destina num dado momento. Ou seja, vem da rua e serve tudo aquilo que é mundano. É corrupta na sua forma e, por isso, inaceitável de qualquer ponto de vista de uma gramática ou das normas de utilização. Assim sendo, cria receios naqueles que defendem a pureza das línguas, uma vez que encaram a possibilidade destas formas se propagarem às línguas humanas já existentes.

OS PURISTAS

Os puristas ou guardiães da língua, tais como Cândido Figueiredo ou Edite Estrela, têm-se esforçado em combater os vícios da forma e têm procurado acautelar o futuro da língua portuguesa com todas as suas energias e com os meios ao seu dispor, desde a publicação de livros a programas televisivos. E embora nunca tenham sido contabilizados os

resultados destas iniciativas, advindo daí o desconhecimento da sua eficácia, tudo indica que estas mezinhas pouco têm servido àqueles a quem se destinam.

O conhecimento aprofundado de uma língua é algo que se consegue com muitos anos de escolaridade e com muitos anos de prática. Aprende-se a falar falando. Aprende-se a escrever escrevendo. Não com medidas avulsas, como sejam os Campeonatos da Língua Portuguesa ou outros.

Seria desejável para um professor de português que os seus alunos estudassem a gramática e praticassem a redação. Seria preferível que o tempo gasto a escrever palavras que não constam dos dicionários fosse convertido em texto escoreito na forma e no estilo, mas o apelo das máquinas é muito superior.

Que deformações linguísticas irão elas causar, é algo de imprevisível. No entanto, a experiência diz-nos que não devemos ficar aterrorizados. Afinal, ninguém se preocupou com o impacto que poderia ter tido nos jovens em vias de formação linguística um livro tão importante como *O Memorial do Convento* de José Saramago, onde a pontuação deixa muito a desejar, segundo os cânones estabelecidos. Quando perguntaram ao autor a razão de tal escrita, respondeu que o livro era para ser lido em voz alta. Nem por isso deixou de ganhar um prémio Nobel.

Também muitos temores correram relativamente ao impacto que poderiam ter as telenovelas brasileiras no português europeu. Como vemos, já passaram uns bons anos e os efeitos perversos não têm expressão significativa.

Que a difusão de erros ortográficos pode ser um atentado à norma culta consagrada nas gramáticas e que pode até levar à corrupção da língua, pode. Mas que danos irá esta nova escrita causar a longo prazo, é difícil de prever.

O que sabemos é que a história de uma língua segue o seu curso, absorve ou não impactos de natureza variável que lhe podem introduzir transformações, mas os resultados finais só o tempo mostrará.

OPTIMISMO RELATIVAMENTE AO FUTURO

Uma língua é pertença de uma comunidade linguística e não dos gramáticos. É a comunidade que dita as regras e não o contrário. O insucesso dos que têm deitado mãos à obra para fazer acertos ortográficos tem sido bem mais dramático. A arrogância de quem dita as regras não tem tido bom acolhimento nem entre os pouco letrados nem entre os mais letrados que continuam sem saber se determinada palavra leva tracinho ou se não leva tracinho; se leva maiúscula ou se não leva maiúscula; se se escreve com *e* ou se se escreve com *i*; se leva vírgula ou se não leva vírgula.

As dificuldades surgem de todos os lados. O português, aliás, deve ser das poucas línguas que tem duas normas cultas e duas escritas. Os Acordos Ortográficos entre Portugal e o Brasil não resultaram. Também nunca tivemos a autoridade normativa de uma Academia

como tem o espanhol com a Real Academia Espanhola. Com este estado de coisas, a rebeldia implícita nesta nova escrita mais parece ser uma vingança.

Relativamente ao futuro, embora uma língua esteja sujeita a mudanças na sociedade, parece-me improvável que a globalização se imponha à criatividade linguística. De resto, criatividade é o que mais se pode observar nestes novos modelos de escrita, ao ponto de nos surpreender.

No passado e no presente, as invenções, as inovações tecnológicas ou outras, sempre foram vistas com receios, muitas vezes infundados. Que o diga Galileo!

Relativamente à invasão, por parte desta tecnologia, das línguas naturais e da língua portuguesa em particular, prefiro ser optimista e partilhar da opinião do Prof. Fernando Cristóvão (2002) de que a língua portuguesa, pese embora os impactos que está a sofrer, não corre perigo de descaracterização.

A história regista que as línguas não nascem nem morrem do pé para a mão. O latim e o grego antigos sobreviveram de uma forma passiva. Será esse o futuro das línguas, conviver lado a lado com uma nova linguagem? Na actualidade já arranjámos um termo para os que não dominam as novas tecnologias – os info-excluídos. Por isso, em vez de nos indignarmos, talvez fosse preferível procurarmos conhecer melhor o que está a acontecer e desenvolvermos uma visão mais abrangente da realidade social dos nossos dias.

QUE ELEMENTOS POSITIVOS NO CHAT?

A abrangência da escrita do chat é, seguramente, uma das suas características mais interessantes. Em primeiro lugar, porque pode ligar pessoas de áreas geográficas muito distantes umas das outras e pessoas com línguas tão diferentes umas das outras que, de outro modo, dificilmente entrariam em contacto e estabeleceriam comunicação, caso ela não se fizesse nestes termos.

Quero aqui fazer notar que determinadas abreviações podem servir várias línguas. O *tb* (também) usa-se em português e espanhol; o *pq* (porque) pode-se usar em português, espanhol, francês e italiano; de tal sorte o *td* (tudo) e por aí fora. Com esta facilidade linguística, o chat permite a interacção de uma grande diversidade de pessoas, de origens muito diferentes e até de falantes de línguas também elas diferentes. Este facto dá uma fantástica dimensão universal a este tipo de comunicação. É a net em toda a sua extensão.

Em segundo lugar, este modelo permite nivelar os utentes, não distinguindo classes sociais, raças ou idades que são fortemente marcadas tanto na oralidade como na escrita e permite a interacção de qualquer indivíduo com outro da sua espécie, pura e simplesmente, sem barreiras de qualquer natureza (o que, a meu ver, pode ser perigoso para um jovem).

Finalmente, este modelo de linguagem cumpre a missão desde sempre ambicionada, tanto por filósofos como por linguistas, de uma universalidade que nenhuma outra construção teórica conseguiu obter até agora e permite ligar, no seu todo, o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDITO, J. (2002), *Que Língua Portuguesa no Chat da Internet?* Lisboa: Colibri.
- CHAMBERS, J. K. e TRUDGILL, P. (1998), *Dialectology*, 2.ª edição. Cambridge: Cambridge University Press.
- CLARK, H. & CLARK, E. (1977), *Psychology and Language*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, Publishers.
- CRISTÓVÃO, F. (2002), «Internet, Língua Portuguesa, Lusofonia», in J. Benedito (2002), *Que Língua Portuguesa no Chat da Internet?* Lisboa: Colibri.
- CRYSTAL, D. (2001), *Language and the Internet*. Cambridge: University Press.
- GAMARDI, J. (1983), *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- ECO, U. (1996), *A Procura da Língua Perfeita*. Lisboa: Editorial Presença.
- SARAMAGO, J. (1982), *Memorial do Convento*. Lisboa: Editorial Caminho.
- YAGUELLO, M. (1997), *Alice no País da Linguagem*. Lisboa: Editorial Estampa.